



031

Conversações “Brasil, além do Ressentimento” em um dos platôs de um prédio inconcluso. Fonte: Acervo do LAMUR | CNPq



**Deisimer Gorczewski**  
Professora e pesquisadora no Instituto de Cultura e Arte, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Artes entre 2019 e 2021. Realizou doutorado em Ciências da Comunicação pela Unisinos-RS e doutorado-sanduíche em Comunicação Audiovisual na Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha. Coordena o Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas/LAMUR/CNPq, na UFC. Atualmente, realiza estudos com ênfase em processos de criação coletivos e colaborativos, cartografias e intervenções audiovisuais, micropolíticas urbanas, políticas públicas e metodologia de pesquisa em artes, filosofia e ciências. deisimer@ufc.br <https://orcid.org/0000-0002-7433-8798>

**Aline Mourão de Albuquerque**  
Artista visual, pesquisadora, educadora com experiência em setores educativos de museus, tanto na coordenação como na prática de monitorias. Experiência em produção, manutenção, montagem e desmontagem de exposições de arte, obtida junto à equipe do Museu Lasar Segall (São Paulo-SP) e do Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (Fortaleza-CE), sob a direção de Ricardo Resende. [...]

# Pesquisar, intervir, inventar com as Cidades

## *Investigate, Intervene, Invent with Cities*

**Resumo:** Nossas pesquisas propõem intervenções poéticas e políticas com as cidades que somos e com as quais nos inventamos em modos de viver e conviver — atentos às relações, singularidades e agenciamentos entre arte, cidade e vida —, em práticas que exercitam o pesquisar e intervir coletivo e transdisciplinar. Propomos pensar: como a arte pode ativar experiências estéticas com diferentes espaços-tempo das cidades e da universidade? Uma universidade que se movimenta entre as cidades e com as cidades. As artes e a universidade percorrem espaços do fazer cotidiano e da convivência, como ruas, praças, praias, becos, esquinas, casas, construções abandonadas e áreas verdes — espaços não convencionais das artes. Movimentar as artes e a universidade com o cotidiano demanda a invenção de modos de fazer-saber. Um dos desafios desta escrita é pensar acerca das especificidades de um laboratório de pesquisa em artes, de como ele nos solicita protocolos distintos de pesquisa, de pensamento, de visão e de invenção de mundo(s). Nesse breve artigo desejamos instigar os leitores a conhecerem o Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes), no Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

**Palavras-chave:** Artes; micropolíticas; pesquisar com; invenção; cartografia.

**Abstract:** *Our investigations propose poetic and political interventions with the cities that we are, and with which we invent ways of living and living together – attentive to the relations, singularities and agencies between art, the city and life –, in practices that exercise collective and transdisciplinary modes of investigating and intervening. We question: how can art activate aesthetic experiences with the different time-spaces of cities and the university? A university that moves in between cities, and with cities. The arts and the university go through spaces of everyday life and coexistence, with the streets, squares, beaches, alleys, corners, houses, abandoned sites and green areas – non-conventional spaces of arts. To make the arts and the university move with everyday life demands inventing ways of making-knowing. One of the challenges of this writing is to think about the specificities of a research laboratory in arts, how it requires different protocols of research, thinking, vision and invention of world(s). In this piece, we want to instigate readers to become acquainted with the Laboratory Arts and Urban Micropolitics (LAMUR), of the Arts Graduate Program (PPGArtes) at the Institute of Culture and Art (ICA) of the Federal University of Ceará (UFC).*

**Keywords:** *Arts; micropolitics; investigate with; invention; cartography.*

[...] Assistência de curadorias e vistoria de galerias para manutenção de exposições. Concepção e aplicação de oficinas, planejamento e execução de projetos de arte-educação. É mestra pelo programa de pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGArtes ICA - UFC) e membro do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR), coordenado por Deisimer Gorczewski, e vinculado à Universidade Federal do Ceará. Coordena o Laboratório de Artes Visuais da Escola de Criação e Formação do Ceará - Porto Iracema das Artes. [alialbu@gmail.com](mailto:alialbu@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0001-8956-204X>

**João Miguel Diógenes de Araújo Lima**  
João Miguel Diógenes de Araújo Lima nasceu em Fortaleza, capital do Ceará, em 1988, e atualmente mora em Brasília. De formação, é sociólogo, com bacharelado em Ciências Sociais e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, e atua como pesquisador interdisciplinar, interessado nos encontros entre cidade, meio ambiente, artes e universidade. É pesquisador do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas/LAMUR da UFC. [jmlimabr@gmail.com](mailto:jmlimabr@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0002-4768-7589>

“Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo?” (KRENAK, 2019. p.13). O céu há séculos desaba, desde a colonização?

Caímos porque a desigualdade não permite o equilíbrio e a harmonia, porque é impossível erigir sobre condições de vida desiguais. “A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda?” (KRENAK, 2019, p. 14).

A cidade é desigual e instável, e com ela caímos<sup>1</sup>. Caímos com o capitalismo extrativista neoliberal que estrebucha, com o “carrego colonial”<sup>2</sup>, com a pandemia do coronavírus, com um governo antidemocrático, com as catástrofes ambientais. Mas a queda é um movimento contínuo. Uma civilização em queda dura o tempo de uma era, não avistamos o chão – e criamos estratégias com as proposições de Krenak (2019, p. 14): “Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos”.

Ao nos propormos participantes de um laboratório que opera com artes e micropolíticas urbanas – LAMUR<sup>3</sup>, a inventar com as cidades, nossas Fortalezas Sensíveis, modos de viver e conviver, implicamo-nos com os sentidos da queda, colocamo-nos em movimentos de cair.

Entre as nossas in(ter)venções com os bairros, as praças, as ruas e outros espaços não convencionais das artes, propusemos as Basquianas nº 2 – Construir e soltar pipas, desta vez, em um prédio inconcluso | em ruínas que nos acolheu como espaço-tempo de experimentações, até que ele mesmo caísse também.



Figura 1. Basquiana n. 2 – Construir e soltar pipas, em um prédio inconcluso. Fotos de Marcos Pardana

Basquianas são experimentações sensoriais propositivas coletivas em ambiente específico. O mote de toda Basquiana parte da precariedade que a ruína urbana nos oferece aos sentidos e à razão. Em sua silenciosa eloquência, a ruína, como equivalente sensível de um mundo em crise, fala de urgências locais e globais, individuais e coletivas. Para Walter Benjamin (1987), a ruína é “índice de possibilidades em aberto, concretização de um mundo possível, índice de alternativas do real” e, para Hélio Oiticica (1981), “não existe arte experimental, existe o experimental”. Portanto, na sincronia dessas ideias e, ainda, compreendendo o conceito de heterotopia em Michel Foucault (1967), como a possibilidade de invenção de outros espaços ou como proposições de outros modos de viver a condição urbana, realizamos uma tarde de confecção e soltação de pipas na laje.

A estrutura do predinho sugeria-nos platôs, por ser aberta, sem limites físicos que nos protegessem da queda, e intercomunicáveis. As pipas desenhavam esvoaçantes diagonais com a estrutura de concreto, e experimentamos dançar com o abismo sem medo de cair. Outra proposição que nos trouxe sensação parecida foi das bolhas de sabão. Ao soprarmos e soltarmos ao vento essas frágeis estruturas, sentimo-nos leves e coloridos, a dançar com o abismo, pairando oniricamente sobre a cidade. Essas duas proposições dizem um pouco de tantas outras que experimentamos enquanto LAMUR, e assim como bell hooks (2017) e Paulo Freire (1989), celebramos uma educação “(...) que permita as transgressões (...) esse movimento que transforma a educação em prática de liberdade” (hooks, 2017, p. 24).

Celebramos, como propõe Humberto Maturana (2002, p. 97), a convivência que se constitui “na aceitação, no respeito e na confiança mútuos, criando assim um mundo comum. E nessa

aceitação, nesse respeito e nessa confiança mútuos é que se constitui a liberdade social”.

As pesquisas Fortalezas Sensíveis e Cinema In(ter)venção: Cine Ser Ver Luz<sup>4</sup>, bem como a criação de um Grupo de Estudos são proposições do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR) que desejam pensar e viver nossas cidades – como território de fazer/saber, de se aventurar; como território de territórios com os quais pensar, sentir, caminhar, conversar, tatear, atravessar, sonhar, conviver, parar, passear, visitar, ornamentar, jogar, compartilhar, observar, inspirar, expirar, estranhar, intervir, marcar e atualizar marcas, “administrar o à toa, o em vão, o inútil” (BARROS, 2016, p.40), escutar, ressoar, narrar e dizer algumas de suas histórias, reminiscências, seus agoras e devires.

Como a arte pode inventar Fortalezas Sensíveis, ativando experiências estéticas e afetivas e tensionando limites e aproximações entre territórios geopolíticos e existenciais? Nossa pergunta de partida instiga a compreender territórios como Fortalezas Sensíveis com as quais estamos, visitamos e vivemos, sobretudo, as que nos transpassam pelas afetividades e pela vida cotidiana com suas ruas, bairros, praças, praias, terrenos, edificações, paisagens, árvores, animais, pessoas,... Interessamo-nos, assim, pensar tanto as Fortalezas que ativam nossos sentidos com boas sensações, que resistem e lutam em tantas frentes pelas vidas, pelas sombras, paragens e passagens, pelos espaços de convivência que respeitam e promovem diferenças e por tantos outros direitos vitais, como as Fortalezas “sensíveis insensíveis”, enrijecidas, naturalizadas e talvez convenientemente acomodadas para que se prevaleçam formas do “nada resta fazer”. Muitas delas, com isso, desgarradas de nossas existências, de nossos corpos e desejos; algumas delas nutridas por dados



estatísticos que, intencionalmente ou não, tentam dar conta de representar, explicar e orientar dimensões humanas, sociais, econômicas, políticas, culturais, todas essas que provavelmente sempre extrapolam, de uma forma ou de outra, números, gráficos, perspectivas e previsões.

Contrastes que nos fazem ver na mesma beleza que nos embevece, sendo usada para atrair investimentos que aprofundam o abismo da desigualdade social, esse abismo que nos convida a cair e, ao mesmo tempo, a criar estratégias e dispositivos de queda, e não a tentarmos nos fixar em estruturas que desabam. “Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos” (KRENAK, 2019, p. 63). E, se a condição da nossa civilização for a queda, então que façamos coro com José Miguel Wisnik (2011):

Se meu mundo cair  
Eu que aprenda a levar  
Se meu mundo cair  
Então caia devagar  
Não que eu queira assistir  
Sem saber evitar  
Cola em mim até ouvir  
Coração no coração  
O umbigo tem frio e arrepio de sentir

Caímos com uma das cidades mais desiguais da América Latina em nossas pesquisas, com essas possíveis micro intervenções, aprendendo a levar, flutuando devagar como as pipas e as bolhas de sabão, ao percebê-las tão potentes e sutis, a alcançarem grandes alturas, sobrevoando ruas e quintais. As bolhas de sabão

eram também materialidade de pensamentos translúcidos a dizer coisas inventadas com a cidade, silenciosamente. As micro intervenções acontecem como provocações em planos onde fluem as intensidades, os afetos, as intuições etc. e se constituem as invenções desviantes, entre elas, as Basquianas.



Figura 2. IntenCidades – Ocupação Predinho no bairro Bairro Vicente Pinzón.  
Fonte: Acervo do LAMURICNPq.

Que ciência é essa que inventamos com o cotidiano, ao resistirmos propositivamente com as cidades, sobre as quais pairam tantas ameaças? Sobre todo o litoral paira uma ameaça, sobre o patrimônio histórico, material e imaterial; pairam ameaças sobre comunidades inteiras, sobre a pesca artesanal, sobre vendedores ambulantes, sobre as árvores(!), praças e parques, o mangue e, sobretudo, sobre os grupos dissidentes; pairam ameaças sobre todos nós e, especialmente neste momento em que o Brasil atravessa um



intenso retrocesso com ameaças à democracia, que tanto lutamos para conquistar.

Atentos à lógica da política governamental e suas “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica)” (MBEMBE, 2016, p. 146) – que é a lógica neoliberal, a adequar as cidades aos mais ricos, esquecendo as populações que lá habitam antes de reformar, privatizar, higienizar, “requalificar” e derrubar o presente, querendo sempre um futuro –, posicionamos ao lado dos que resistem hoje a tantas ameaças. Entendemos que apenas onde moramos é possível intervir: no fluxo dos dias, nas urgências, nas delicadezas como nas lutas, ocupar as cidades, os bairros, as ruas e praças é ocupar a política, é cuidarmos uns dos outros, aprendermos uns com os outros. E a universidade pública deve participar desse processo, inclusive para se fortalecer, pois que a ameaça também paira sobre ela. É preciso operar os conceitos aos quais tanto nos afeiçoamos, é preciso azeitar nossa máquina de guerra! É preciso estar atento, forte e sensível.

O modo de pesquisar e intervir que experimentamos com o LAMUR aproxima-se do modo como Oiticica se colocou como artista no mundo. Essa aproximação nos é muito cara, pois entendemos que as mais radicais proposições de Oiticica são um salto para a compreensão de uma “arte ambiental”, que acontece com o espaço público.

Colocamo-nos no fluxo dos acontecimentos, desejando que os dispositivos de que lançamos mão causem atritos com o real, produzam faíscas de outros possíveis, despretensiosamente intencionados, atentos, fortes, mas que, um tanto distraídos, venceremos<sup>5</sup>.

Ao nos apresentarmos como laboratório que realiza pesquisas e intervenções, outras questões emergem e, entre elas, queremos

pensar como pesquisar e intervir pode ativar experiências estéticas com diferentes espaços-tempos da cidade e da universidade. Essa questão se desdobra da pesquisa Arte | Espaço Comum | IntenCidades, realizada de 2014 a 2016, trazendo temáticas e experiências que colaboram com o exercício de pensar a relação entre pesquisar e intervir como potência que nos impele a produzir conexões entre arte e cidade, pensando os espaços-tempos da cidade e da universidade, processos de criação e resistência e movimentos artísticos, sociais, históricos e contemporâneos.

Até aqui, falamos dos territórios de nossa pesquisa, a vasta abrangência de seus espaços semoventes e seus deslimites, por entendermos que a cidade é um território vivo, como um rio, no qual não se entra duas vezes do mesmo modo. A partir daqui falaremos de como trilhamos esses territórios, como nos acompanhamos uns dos outros, como convidamos outros a nos acompanharem, o que usamos para caminhar, como cartografamos singularidades, que dispositivos inventamos, que conceitos operamos, que marcas escolhemos para sinalizar, como partilhamos a experimentação dos percursos.



Figura 3. Conviver | Praças. Fonte: Acervo do LAMUR ICNPq.

### Modos de intervir e pesquisar COM

Ateliês, museus e galerias, que foram e continuam sendo espaços dedicados às artes, no século XX foram particularmente desafiados a se abrir – às vezes de dentro para fora, às vezes de fora para dentro.

Esse período também viu o surgimento de formações em artes nas universidades, em cursos de graduação e pós-graduação. Artistas-professores e estudantes-artistas passaram a compor as universidades. Essas instituições, constituídas por redes de conversações (ANDRADE *et al.*, 2002, s/p), comportam não apenas relações de trabalho marcadas por demandas institucionais, como também podem se constituir de conversações acadêmico-científicas dedicadas à aprendizagem e à *poiesis*.

Entre os critérios acadêmicos e os critérios artísticos, qual é o lugar do artista na universidade? Para o artista-professor Ricardo Basbaum (2013),

Não é tarefa simples [...] construir um espaço de pesquisa em artes, na universidade, que mantenha em aberto os canais com o circuito de arte: há escassez de conexões preparadas para conduzir as ligações entre um e outro setor, com a flexibilidade necessária. (BASBAUM, 2013, p. 200).

Nessa aproximação, “[n]ão há como escapar desta máxima: dentro da universidade, o trabalho de arte se transforma em pesquisa e o artista em pesquisador. Escreve-se ‘artista-pesquisador’, portanto, e temos aí um outro personagem, com suas peculiaridades” (BASBAUM, 2013, p. 194). Trata-se de um deslocamento entre circuitos, em uma multiplicidade de redes. Nas nossas pesquisas e intervenções atuais, tal como nas pesquisas anteriores, em especial: Arte | Espaço Comum | IntenCidades (2014-2016), Coletivo Audiovisual do Titanzinho

– Cine Ser Ver Luz (2014- 2017) e Cinema In(ter)venção: Cine Ser Ver Luz (desde 2017), tomamos o desafio da *UniverCidade*, uma universidade que se movimenta entre a cidade e com a cidade. As artes e a universidade percorrem espaços do fazer cotidiano e da convivência, como ruas, praças, becos, esquinas, casas e construções abandonadas e áreas verdes – espaços não convencionais da arte (GORCZEVSKI *et al.*, 2015).

Movimentar as artes e a universidade com o cotidiano urbano demanda a invenção de modos de fazer. Em nosso processo de criação artística, pesquisar e intervir entrelaçam-se intimamente com os modos de viver e conviver, em nossas cidades, instigando encontros e conversas, experimentações com materiais, debates e trocas com outros artistas ou o público mais amplo.

Um dos desafios das nossas pesquisas tem sido pensar acerca das especificidades da arte contemporânea, de como ela nos solicita protocolos distintos de pesquisa, de pensamento, de visão e de invenção de mundo(s).

Acreditamos na “[...] força ácida da arte em flexibilizar impedimentos e afirmar lugares e espaços a partir de passagens e ligações” (BASBAUM, 2006, p. 201). Desse modo, por meio de *caminhadas* e *visitas*, passamos a criar vizinhança<sup>6</sup> com outras disciplinas e saberes, ampliando a pesquisa nas dimensões inter e transdisciplinar, considerando a transversalidade<sup>7</sup> entre a ciência, a abertura para o social, a estética, a política e a ética. Nossa dedicação se põe menos nas fronteiras e mais no que pode se dar “entre” elas. Tendo a inter e a transdisciplinaridade como ênfase teórico-metodológica, cria-se, neste percurso, um espaço-tempo para novas sensibilidades intervirem no social por meio da produção acadêmica.

Nossas expedições/pesquisas operam em duas linhas de pesquisa, priorizando as temáticas que envolvem processo de criação em artes, micropolíticas urbanas e pesquisa e docência em artes, ciências e filosofia. Com a linha *Processos de criação e micropolíticas urbanas*, damos conta do objetivo de acompanhar e cartografar pesquisas e intervenções urbanas, analisando processos de criação que problematizem as relações entre arte e vida, arte e política, arte e natureza e a experiência ética e estética do encontro com modos de existência singulares e coletivos, no cotidiano da cidade e da universidade. Já com a linha *Processos de criação, pesquisa e docência em artes, ciências e filosofia*, a intenção é de problematizar os modos de pesquisar e intervir em processos de aprendizagem, evidenciando os desafios presentes desde a constatação da complexidade das mutações nos modos de conhecer e se relacionar com a arte, a ciência e a filosofia na contemporaneidade, em especial, considerando questões que rompem com as metodologias e linguagens clássicas e a emergente hibridização de métodos, na perspectiva de um pensamento inter e transdisciplinar.

As nossas pesquisas e intervenções se apresentam como exercícios teórico-metodológicos permeados por um diálogo permanente com os recentes estudos da epistemologia, das Artes, da Filosofia, das Ciências Humanas e Sociais, ao mesmo tempo em que problematizamos questões transversais, tais como as relações entre pesquisa, ensino e extensão, o exercício coletivo de construção de conhecimento e a experiência transdisciplinar.

Em vez de se referir a conhecimento, Maturana (1999; 2001) afirma o verbo “conhecer”, que vai apresentar novas implicações, próprias do caminho teórico seguido pelo cientista. Ele está

empenhado na compreensão de processos e relações. Tal atitude está marcada em sua recusa aos substantivos linguagem, cognição, conhecimento, emoção, vida, substituindo-os por linguajar, conhecer, emocionar, viver, etc.

Investigar as implicações epistemológicas e éticas propostas pela “Biologia do Conhecer” leva-nos a observar, entre seus pressupostos básicos, a produção do conhecimento como inseparável da produção de subjetividade; o próprio ato de perceber e conhecer constitui o percebido numa relação indissociável.

Percorrer trilhas que impliquem olhar não mais para a dicotomia do “um ou outro”, mas com a perspectiva de atentar ao “entre”, a mútua interdependência do dentro e do fora, leva-nos aos estudos de Francisco Varela (1992; 1994). O autor questiona a concepção de representação/cognição, em que pensar a representação é pensar um mundo que já está dado, determinado. E conhecer é inventar, é dar corpo a alguma coisa, é conceber um mundo que não tem forma estabelecida, nenhuma verdade ou essência que deva ser desvendada.

Nos estudos relacionados ao conceito de “enação”, o autor afirma a ideia de que existe uma cognição do corpo e considera o “[...] fenômeno cognitivo e o fenômeno da vida inseparáveis, pois desde o começo da vida celular do fenômeno autopoietico<sup>8</sup>, vida e conhecimento são duas coisas inseparáveis” (VARELA, 1993, p. 87).

Entre as possibilidades de modos de pesquisar e intervir com, o coletivo de pesquisa considera relevantes as contribuições da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1996; DELEUZE, 1997; ROLNIK, 1989, entre outros) como uma das estratégias do pesquisar e intervir com a cidade, com o bairro, as praças, as ruas



e todos que habitam, ocupam e convivem. O cartógrafo compõe mapas dos afetos que lhe acontecem a partir da convivência e da relação que se cria com a pesquisa (GORCZEWSKI; GOIS, 2014). Afetar-se faz parte do processo da pesquisa, e é mais ainda, nesse momento, que percebemos que nossas questões são feitas de vida (LAZZAROTTO; CARVALHO, 2012, p. 27). É importante frisar que, na pesquisa cartográfica, acompanhar processos e habitar o território são alguns dos modos de inventar mapas com os trajetos e devires.

Os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto. (DELEUZE, 1997, p. 86-87).

Também nos interessa a relação da cartografia com a pesquisa intervenção (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2010) e a aproximação com a etnografia (KASTRUP, 2008), bem como as contribuições de Jacques (2012) e Britto e Jacques (2009) na corpografia urbana, que problematizam as relações entre corpo humano e o urbano como relação de mutualidade, em que o corpo inscreve a cidade percorrida, bem como as memórias dessa cidade inscrevem e configuram o corpo que a percorre. A composição metodológica sugere um exercício artístico-científico que afirma o pesquisar como ato político. E, nesse processo de compor métodos e procedimentos de pesquisa e intervenção, nós nos deparamos com questões abertas, ou seja, perguntas que demandam estar em pesquisa, como: que combinações/analísadores poderão se tornar balizadores de transformações éticas, estéticas e cognitivas na vida?

Sem pretender trazer respostas rápidas, propomos modos de operar a pesquisa de si e do mundo, tomando como marcadores (PELLANDA, 2008; PELLANDA, GUSTSACK, 2015) os conceitos de atenção – esse problematizado por Kastrup (2012) – e observação, como apresentado nos estudos de Maturana (1999; 2001). Também contamos com alguns verbos/conceitos, entre eles, inventar, intervir, resistir, afetar, desejar e coletivizar, presentes em “Pesquisar na Diferença: Um Abecedário”, livro organizado por Tania Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento e Cleci Maraschin (2012). E, ainda, outros verbos/conceitos: “caminhar” e “parar”, considerando os estudos de Francesco Careri (2013; 2017), e “conversar e conviver”, inspirados na abordagem de Maturana (1999).

Apresentamos, a seguir, um conjunto de ações e microintervencções propostas e realizadas nas pesquisas Fortalezas Sensíveis e Cinema In(ter)venção: Cine Ser Ver Luz. Atentamos para as duas primeiras proposições – ConversAções e Arte de Bairro –, pois iniciaram ainda nas pesquisas Arte | Espaço Comum | IntenCidades e Coletivo AudioVisual do Titanzinho – Cine Ser Ver Luz, ambas realizadas no LAMUR e que seguem como desdobramentos, bem como a possibilidade de fortalecermos a aliança com os participantes do Coletivo AudioVisual do Titanzinho e a Associação dos Moradores do Titanzinho, no bairro Serviluz, em Fortaleza. São trilhas por nós desbravadas, no decorrer da pesquisa/expedição, e reinventadas a cada nova travessia.

As **ConversAções** são convites ao encontro com as IntenCidades, que tomam corpo e inventam afetos, trazendo à tona os processos de criação e as pesquisas e intervenções nas artes em diálogo com a cidade, com questões que nos





instigam a pensar e partilhar experiências com as Fortalezas Sensíveis. Encontros para conversar, no sentido de *dar voltas com* colaboradores e convidados e outro, que de algum modo percebemos ao nosso redor, nas cercanias de nossa vizinhança, por também realizarem ações de pesquisa e intervenção com espaços-tempos urbanos.

Na pesquisa concebemos o “conversar”, as “conversações” e as “redes de conversação” no sentido de distinguir os espaços e as modalidades de expressão, circulação e partilha, considerando as conversações no âmbito das ações e relações entre acadêmicos e não acadêmicos, artistas e não artistas, oficinairos e não oficinairos. Uma de nossas referências para pensar em “redes de conversação” foram os estudos de Humberto Maturana, nesse caso, principalmente, sua teoria denominada Biologia do Conhecer (2001; 1999; 1995-1996). Nessa proposição, o autor analisa e conceitua o termo “conversar” como sendo o fluir que entrelaça o “linguajar e o emocionar”:

[...] estamos en el lenguaje cuando nos movemos en las coordinaciones de coordinaciones de acciones en cualquier dominio que sea. Pero, el 'linguajar' de hecho ocurre en la vida cotidiana entrelazado con el emocionar, y a lo que pasa en este entrelazamiento llamo conversar. Los seres humanos siempre estamos en la conversacion, pero el lenguaje, como fenomeno, se da en el operar en coordinaciones de coordinaciones conductuales consensuales recurrentes. Lo que pasa es que nuestras emociones cambian en el fluir del 'linguajar', y al cambiar nuestras emociones cambia nuestro 'linguajar'. Se produce un verdadero trenzado, un entrelazamiento de generacion reciproca del 'linguajar' y del emocionar<sup>9</sup>.

Figura 4. Encontros ConversAções de 2014 a 2019. Fonte: Acervo do LAMUR.

Ao longo dos anos de 2016 a 2019, foram realizados dez ConversAções, ligados a diferentes pesquisas do LAMUR



e, nesta escrita, apresentamos um breve mapeamento dos encontros, iniciando com os três ConversAções, realizados em 2016, ao longo do projeto Arte | Espaço Comum | IntenCidades<sup>10</sup>, sempre em espaços diferentes: o primeiro, em um local pouco utilizado do pátio do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC; o segundo, no jardim da Casa do Barão de Camocim, um casarão tombado pelo patrimônio histórico e vinculado ao equipamento municipal de cultura Vila das Artes, embora fechado e sem reparos naquele momento<sup>11</sup>; e o terceiro em uma calçada do Pavilhão Atlântico, um equipamento em reforma na região do Poço da Draga, no bairro Praia de Iracema.

Com o desejo de seguir experimentando com os encontros, realizamos o quarto ConversAções em maio de 2016, de forma ampliada, com o Coletivo AudioVisual do Titanzinho, a Associação de Moradores do Titanzinho e o PPGArtes. Ao longo de uma manhã e uma tarde, cinco conversas sobre o Titanzinho, tecidas a partir de investigações e criações artísticas<sup>12</sup>, ocuparam a Associação de Moradores do Titanzinho e a Praça Tiago Dias, no bairro Serviluz. Pela manhã, três convidados, David Oliveira, Fabíola Gomes e Nataska Conrado, *instigaram* – este é o verbo que dá movimento às ConversAções – os participantes com suas experiências de investigação com o cinema, envolvendo afeto, amizade e cineclube. À tarde, Cecília Shiki e André Aguiar trouxeram para a roda uma proposta de criação coletiva entre artistas e não artistas e um mapeamento do patrimônio cultural do litoral da cidade, respectivamente.

No ano seguinte, realizamos outro dois ConversAções com convidadas que vivem em outras cidades. Em maio, com a professora Maria Clara Faria Costa Oliveira mora na cidade de Braga, Portugal, e trabalha na Universidade do Minho.

Com ela a conversa fluiu disparada pelo tema “Aprendizagem Autopoiética e Cibernética”<sup>13</sup>. Em agosto, com Carmen Silveira Oliveira<sup>14</sup>, o convite, o encontro e o desejo foram no sentido de conversarmos e partilharmos o que estávamos/estamos sentindo com o que vem acontecendo em nosso país. Como propôs a convidada, o tema instigador foi “Brasil, além do ressentimento”<sup>15</sup>. Os encontros trazem à tona os processos de criação, pesquisas e intervenções nas artes em diálogo com a cidade. No ano de 2018 não foi diferente. O ConversAções com a Praia do Vizinho, em abril, contou com Fabíola Gomes, Iara Andrade e Nataska Conrado, instigadas por Deisimer Gorczewski a partilharem suas pesquisas, aventuras, invenções e experiências com o Titanzinho, no bairro Serviluz. E, no final do ano, mais precisamente, em dezembro, a convidada foi a professora Andreia Machado Oliveira<sup>16</sup> trazendo para o ConversAções o tema: Individualização, Meio e Imagem, apresentando o pensamento de Gilbert Simondon<sup>17</sup>.

Também realizamos ConversAções, em 2019, esses fazendo parte da programação Plantar artes | Colher cidades<sup>18</sup>, com abordagens de pesquisa nas artes com a biologia, natureza e cidade: um encontro reuniu os pesquisadores Fabíola Fonseca, João Miguel Lima e Salvia Braga; e o outro aproximou os artistas e pesquisadores Jared Domício e Larissa Batalha, instigados por João Miguel Lima.

Por fim, ConversAções com Arte Urbana ocorreu na Praça Tiago Dias, no Serviluz, aproximando os artistas e pesquisadores Alíria Duarte, Bruno Spote (Servilost) e Ceci Shiki para partilharem seus estudos e intervenções com o caminhar e cartografar a arte urbana, em diferentes espaços | tempos, na cidade de Fortaleza.



As escolhas dos espaços da cidade onde acontecem esses encontros recebem atenção especial justo por tornarem visíveis questões como o abandono e o descaso com os espaços públicos em nossa cidade, questões que ardem em nós, pensando nas palavras de Mia Couto (2011) quando traz o incendiador de caminhos, que cartografa, desenhando na paisagem a marca de sua presença. Escreve com fogo a narrativa que é seu trajeto e, assim, sobrevivemos como “[...] eternos errantes, caçadores de acasos, visitantes de lugares que estavam por nascer” (COUTO, 2011, p. 71).



Figura 5. Arte de Bairro – Descadastramento. Fonte: Acervo do LAMURICNPq.

Diante da complexidade da cidade, agir a partir do entorno de onde se habita será sempre um bom começo. O filósofo alemão Martin Heidegger, na conferência “Construir, habitar, pensar”, de 1951, fala do homem essencialmente como ser que habita. Recorre à etimologia das palavras para demonstrar a intrínseca e bela relação entre as três ações.

Habitar nos define enquanto seres mortais sobre a terra e, no entanto, habitamos cidades alheias. Sentimo-nos incapazes diante da complexidade dos problemas urbanos. Reaver a cidade é reaver a política, e pode ser possível se nos dispusermos a

tomar nosso cotidiano, nosso entorno, como espaço-tempo por onde reinventar modos de habitar. A palavra hábito e a palavra habitar são cognatas, o que nos faz pensar que o exercício simples e cotidiano de cultivar hábitos conscientes, criativos, afetivos, aponta-nos um caminho propositivo, crítico e autônomo diante de uma realidade na qual desejamos intervir. Assim, o bairro se torna espaço ideal para resistirmos inventando.

Pensar uma “**arte de bairro**” nos remete às proposições de Hélio Oiticica, já citadas anteriormente: arte ambiental, mundo museu, crelazer. Implica também pensarmos a arte como comportamento, como também sugere o artista Cildo Meireles. Quando questionado sobre como seriam os museus no futuro, Meireles respondeu que não sabia ao certo, mas que, talvez, os museus viriam a ser o próprio comportamento das pessoas, seus hábitos, seus modos de viver.

A ideia de uma estetização da vida, de uma ritualização dos gestos, a ideia de atribuir sentido às práticas cotidianas, coaduna-se com a de “arte de bairro” ao aproximar a dimensão estética da arte dos gestos cotidianos. Esse movimento é prenhe de possibilidades inventivas e transformadoras, é um movimento que aproxima arte e vida, é, portanto, um comprometimento estético e social com o entorno de onde se habita. É fazer micropolítica.

Uma das ações de arte de bairro realizadas no âmbito de nossas pesquisas foi o “Descadastramento”. Trata-se de uma reação à iniciativa da Prefeitura de Fortaleza, que, com o objetivo de marcar as casas passíveis de remoção no Bairro Serviluz, lançou um cadastramento, marcando essas casas com letras e números que nada significam para os moradores, transformando-os em índices e estatísticas sem ao menos conhecerem suas histórias com o bairro. O “Descadastramento”



foi uma ação simbólica, realizada durante assembleias, reuniões e encontros que aconteceram no auge das ameaças de remoção. Nas falas dos moradores, era frequente a expressão “nasci e me criei aqui” e, com a escuta atenta, propusemos a ação, que consistia no simples gesto de conversar com os moradores e perguntar-lhes sobre sua relação com o bairro. Perguntávamos especialmente há quanto tempo moravam ali e anotávamos em plaquinhas de papelão. O gesto simples não deixa de revelar a profunda importância da escuta que se traduz em sentimento de pertencimento ao bairro, à cidade, à condição de cidadão atuante. As plaquinhas elaboradas com os moradores proporcionaram maior visibilidade em situações como grandes assembleias, eventos e exposições em que nem todos podiam falar, mas suas vozes e seu afeto pelo bairro estavam presentes nas plaquinhas que portavam.

Elas também compuseram a “instalação coletiva em movimento” denominada AGITPROP, experiência que vem sendo construída por Aline Albuquerque e coletivos desde 2016, tendo participado de diversas exposições, e que foi apresentada na exposição “Que vai chover amanhã”, no Sobrado Dr. José Lourenço, em Fortaleza, e teve curadoria de Ana Cecília Soares e Junior Pimenta, no período de 10 de agosto a 21 de setembro de 2019.

A proposição de pesquisar a relação entre cinema e cidade emerge como desdobramento de experiências com intervenções audiovisuais e urbanas, iniciadas em pesquisas anteriores<sup>19</sup>, que envolviam a área das artes (cinema e audiovisual, teatro, dança e artes visuais) em interface com a comunicação, arquitetura, urbanismo, ciências sociais, letras e políticas públicas, entre outras, onde alargamos as relações com diferentes processos de criação, aproximando-nos de coletivos que atuam no urbano enquanto plano das intervenções.



Figura 6. Cine Ser Ver Luz na PontaMar. Fonte: Acervo do LAMURICNPq.

O cinema pode inventar um bairro? Que cinema é esse que inventa e é inventado com o Serviluz? Que bairro é esse que vive, cotidianamente, as ameaças das políticas de remoção, em uma região da cidade considerada Zona Especial de Interesse Social (ZEIS)<sup>20</sup>? Como fazer pesquisas produzindo aprendizados coletivos e transdisciplinares **com** a cidade, **com** o bairro, **com** os moradores, **com** as associações, **com** o Cine Ser Ver Luz?

Essa rede de questões apresenta algumas das inquietações que compõem a pesquisa Cinema In(ter)venção: Cine Ser Ver Luz com o Coletivo AudioVisual do Titanzinho, desde a criação da primeira Mostra AudioVisual do Titanzinho<sup>21</sup>, das oficinas<sup>22</sup> e do cineclubes Cine Ser Ver Luz. O estudo vem se constituindo no encontro com moradores / artistas / pesquisadores / estudantes na perspectiva de intensificar as escutas e análises de como os moradores vivem, convivem e resistem às constantes ameaças das políticas de remoção nessa ZEIS, na cidade de Fortaleza, onde um milhão de pessoas – entre os mais de dois milhões e seiscentos mil habitantes<sup>23</sup> – vive em assentamentos que apresentam o mais variado grau de precariedade de moradia<sup>24</sup>.

Nesse processo de realizar escutas, ressaltamos a noção de “atenção”, nos estudos sobre a “experiência estética”, apresentada por Kastrup (2012) ao procurar tornar visível a potência de transformação da arte, tanto para o artista como para o “percebedor”. Nas palavras de Kastrup (2012, p. 28), a “[...] experiência estética surpreende pela beleza ou pelo estranhamento, mas sempre por seu caráter de enigma, que mobiliza a atenção e desativa a atitude recognitiva natural. Ela instala um estado de exceção”.

O **Cine Ser Ver Luz**<sup>25</sup> realiza sessões com programação temática, entre outras ações que visam aproximar a produção audiovisual cearense, nacional, internacional, bem como proporcionar um reencontro com filmes clássicos. Visa, principalmente, encontrar meios para partilhar a produção audiovisual local, entendendo-a como possibilidade de inventar outros modos de visibilizar o bairro e seus moradores, considerando a promoção da expressão artística de suas singularidades.

As temáticas das sessões e as escolhas dos filmes, no processo de curadoria, são modos de dialogar com as práticas cotidianas em busca de entender como as pessoas ocupam o espaço e se inventam em processos de singularização (GUATTARI, 1992).

As caminhadas e o convite do Cine aos moradores, que acontece às vésperas das sessões, com cortejo acompanhado do Carrim das Artes<sup>26</sup>, ao som de vinhetas, com distribuição de zines criados por colaboradores e colagem de cartazes, potencializam os encontros com as ruas e praças do bairro e nos aproxima dos modos de existência de uma região da cidade, ainda desconhecida de muitos de seus habitantes<sup>27</sup>. Entre as intervenções urbanas e audiovisuais, destacamos os modos como o cinema feito por/com moradores vem inventando o bairro, em especial, nas mostras e na intervenção audiovisual VendoMar, realizadas com as ruas, praças, praias e o Farol do Mucuripe, entre outros espaços comuns, do bairro Serviluz.



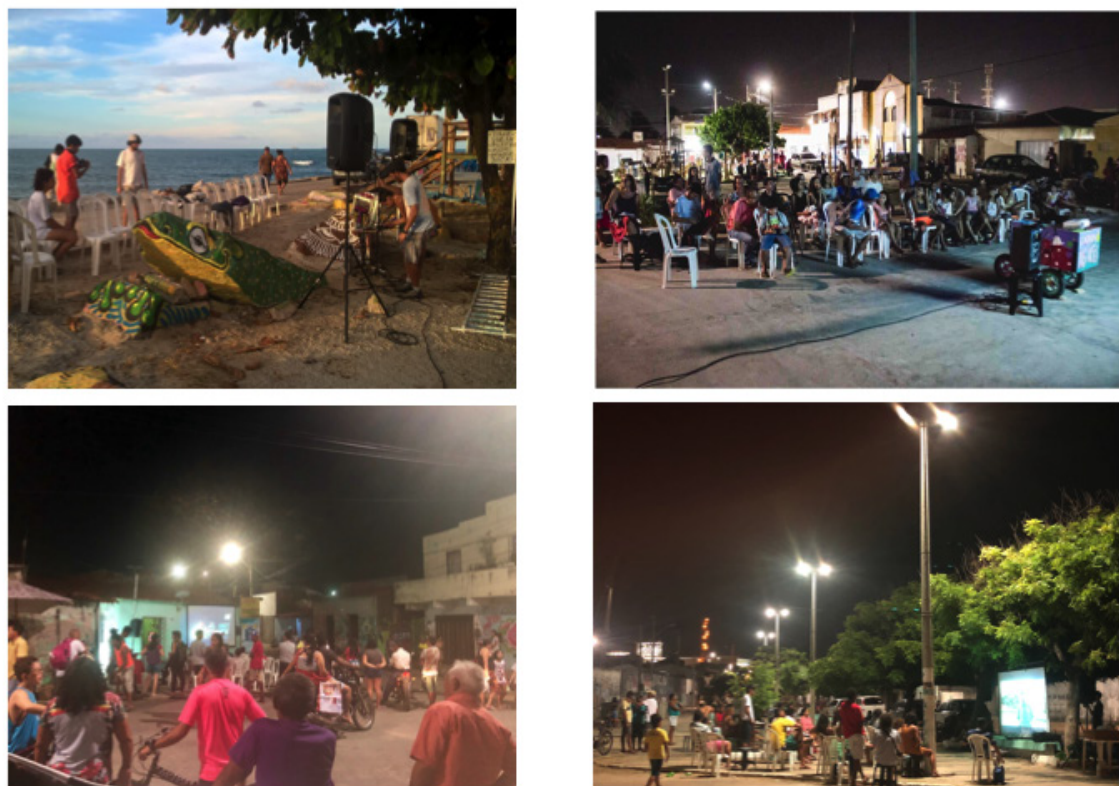


Figura 7. Mostra AudioVisual Itinerante. Fonte: Acervo do LAMURICNPq.

A **Mostra AudioVisual do Titanzinho** é um espaço de encontro e partilha das criações e produções sonoras, visuais e audiovisuais feitas com o bairro Serviluz por moradores, artistas, estudantes, educadores e pesquisadores, com o objetivo de mobilizar a circulação das produções e a conversa em torno dos processos de criação e das experimentações artísticas, políticas e comunitárias.

No acervo online<sup>28</sup> do Cine é possível acompanhar o que aconteceu em cada uma das Mostras realizadas, desde 2011, e conferir os filmes feitos com o Titanzinho, Estiva, Farol do Mucuripe, Rua Leite Barbosa, Rua Titan, Rua Pontamar, Rua Murilo Borges, Rua Vicente Castro, Pracinha da Nezita Pereira, Praça Tiago Dias, Praça São Francisco, Campo e tantos outros espaços comuns, no bairro Serviluz.



Figura 8. *Vendo Mar*. Fonte: Acervo do LAMURICNPq.

Pensar cidades com seus abismos e contrastes nos leva a questionar quantas Fortalezas coexistem na mesma cidade. Essa foi uma das inquietações que disparou um processo de criação proposto pela então estudante de Cinema e Audiovisual, Ana Paula Veras, bolsista de iniciação científica, e acolhido pela orientadora, profa. Deisimer Gorczewski. O processo coletivo de criação da intervenção foi constituído em conversas, comentários, perguntas e sugestões de colaboradores que vivem no bairro e frequentam o local para lazer ou que, de algum jeito, relacionam-se com o bairro<sup>29</sup>. Nesse percurso permeado por saberes e fazeres, buscamos compor um modo de intervir que transpareça modos de vida e maneiras de se relacionar presentes na construção desse território sensível.

A proposta consiste em uma intervenção audiovisual na Praia das Pedrinhas, no Serviluz, espaço com pequenas piscinas naturais, ameaçado por políticas de “remoção e revitalização” que promovem especulação imobiliária. A intervenção **Vendo Mar** mapeou imagens lúdicas, de lazer e afeto que os moradores vivenciam com o mar, contrastadas com a campanha publicitária do principal parque aquático do Ceará. Nas narrativas visuais e sonoras que foram cartografadas ao acompanharmos o

movimento das ruas, dos becos, das praças, no contato com o mar e no farol, o bairro Serviluz é afirmado, por seus moradores, como espaço-tempo de encontro e partilha, que oferece a força de quem resiste, diariamente, inventando outros modos de vida, onde o sentido ético-estético encontra um lugar preponderante.

### **Como seria pensar a cidade e o cinema desde os bairros?**

#### **Pensar a cidade e o cinema desde os vizinhos mais próximos, desde os afetos?**

Entre o cinema e seus espaços de encontro e convivência, o bairro experimenta sua força e (re)inventa a si mesmo, sua memória. “Essa geração local de novas sociabilidades, vividas na emoção, permite soluções locais e globais através do que fazemos todos os dias” (SANTOS, 2006, p. 24).

Nos estudos de Fabíola Gomes, moradora do Serviluz, ao pensar em audiovisuais que colaboram para a criação da resistência do bairro, nos fala de um “regime de cumplicidades” com o qual o bairro opera,

[...] como se cada pessoa de cada família fosse a ‘molécula numa rede, uma rede molecular’. Nossas idas e vindas fortalecem e criam constantemente novas formas de estar juntos. Nossa resistência – que para alguns, apesar de toda a luta, ainda é imperceptível – tem sido o que nos mantém unidos apesar das adversidades (GOMES, 2017, p. 24).

Um bairro que tece suas redes, tramando com mais força os laços de amizade e vizinhança ao viver na pele as segregações e incertezas que criam marcas, como estrias profundas, ao mesmo tempo que se revigora ao inventar memórias alegres, aprendendo a gingar e deslizar com os movimentos das ondas do mar.

Somos um povo com muitos gestos, trejeitos populares, expressões marcantes e brincadeiras. [...] Migramos e aprendemos, nos adaptamos e vivemos. Não paramos de produzir memórias, e temos urgência para que as memórias que fazemos hoje nos definam melhor que as marcas que já nos foram impostas por causa da época em que funcionavam meretrícios no entorno do Farol, ou pelo tráfico recente. [...] Podemos pensar que nós, habitantes do Serviluz, selecionamos os aprendizados que seguem com a gente, desmistificando constantemente as características com as quais os noticiários sensacionalistas marcam o povo, e nisto temos autonomia (GOMES, 2017, p. 24-25).

O cinema que se inventa com o bairro aposta na dissolução das demarcações geográficas, midiáticas e existenciais, que segregam o Serviluz, investindo na heterogeneidade e multiplicidade de narrativas audiovisuais como ações micropolíticas.

#### **Seguimos a pesquisar e intervir**

Ao pensar os modos de pesquisar e intervir com a cidade, evidenciam-se desafios presentes, desde a constatação da complexidade das mutações nos modos de conhecer e se relacionar com as artes na contemporaneidade, em especial, considerando questões que rompem com as linguagens clássicas e a emergente hibridização de gêneros, na perspectiva de um pensamento transdisciplinar da arte.

As relações entre artista e participante, que movimentam os trabalhos de Hélio Oiticica, e as tensões com o “lugar” do artista, do público e da arte, trazem questões potentes que instigam os modos com que as artes inventam cidades.

E é com esse desafio que propomos dar continuidade aos estudos e intervenções, enunciando alguns desdobramentos: em 2019, um grupo de estudos propôs inventar cidades e discutir, a cada encontro, algumas adjetivações: cidades



sensíveis, anacrônicas, inventadas e insistentes; e, em especial, a proposição mais recente com a pesquisa Fortalezas Sensíveis: Escritas com a Cidade – apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará – e a criação do Ateliê de Escrita Inventiva, instigando experimentações com o escrever em devir (DELEUZE, 1997) e a partilha dos processos de criação individuais como proposição de processos coletivos e singulares.

O segundo semestre de 2021 também foi marcado pelo retorno de eventos abertos ao público, como foi o caso das três edições do ConversAções com a Escrita, uma extensão dos processos internos iniciada pelo Ateliê de Escrita Inventiva, em que foram convidados o poeta e pesquisador Rômulo Silva, a artista e pesquisadora Alice Dote, e Luciano Bedin da Costa, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo o último realizado uma oficina no dia do lançamento do site | acervo do LAMUR. Num ateliê que visa a experimentação com a escrita e a escritura, os três convidados apresentaram seus processos com escrita, atravessados por suas vivências e propostas interventivas com a cidade e suas políticas e poéticas de sobrevivência, de maneira a instigar as pessoas presentes a outras percepções das palavras e das imagens que criam.

Nos encontros também estamos estudando os nossos processos de escrita inventiva, considerando a noção de escritura, inicialmente, nos estudos de Barthes (2004) e Costa (2017), pois interessa à pesquisa problematizar o que se entende por escrita e escritura na perspectiva de mapear os agenciamentos entre texto e contexto, assim como marcas e intensidades nos modos de pesquisar com e habitar espaços.

## Notas de fim

[ 1 ] Parte desta escrita foi abordada no artigo “Artes de Intervenção, Inventar Cidades” (GORCZEWSKI, ALBUQUERQUE, LIMA, 2021) sendo retrabalhada e ampliada nesta proposta com outras proposições do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas (LAMUR).

[2] “Carrego colonial” expressão usada por Rufino (2019) em “Pedagogias da Encruzilhada” para designar a obra e a herança colonial.

[ 3 ] Amparado no Programa de Pós-Graduação em Artes, vinculado ao Instituto de Cultura e Arte (ICA), na Universidade Federal do Ceará – UFC. Mais detalhes em <https://www.lamur-ufc.com/> e [instagram.com/lamur.ufc/](https://www.instagram.com/lamur.ufc/).

[ 4 ] Agradecemos a Nataska Conrado e Salvia Braga, com quem escrevemos o projeto Fortaleza Sensíveis; a Pedro Fernandes, Fábíola Gomes e Sabrina Araújo com que escrevemos o projeto Cinema In(ter)venção: Cine Ser Ver Luz; e também a Raul Soagi, criador de duas das imagens do texto.

[ 5 ] Também inspirados em Leminski (1990).

[ 6 ] Na coletânea “Vocabulário político para processos estéticos”, Enrico Rocha (2014, p. 30) pensa a relação de vizinhança como aquela em que “você negocia o que é comum, as aproximações e também as distâncias necessárias”.

[ 7 ] O conceito, para Guattari (1987, p. 96), apresenta “uma dimensão que pretende superar os dois impasses, o de uma pura verticalidade e o de uma simples horizontalidade; ela tende a se realizar quando uma comunicação máxima se efetua entre diferentes níveis e sobretudo nos diferentes sentidos”.

[ 8 ] Ver conceitos e especificidades sobre o termo “*autopoietico* – autopoiese” em Maturana e Varela (1997).

[ 9 ] Entrevista disponível em <http://www.matriztica.org/>. Acesso em 30 de novembro de 2004.

[ 10 ] Para conhecer mais das experiências com ConversAções, recomenda-se a leitura do artigo “ConversAções: encontros entre as artes, a cidade e a universidade”, de Gorcevski e Lima (2017).

[ 11 ] Artistas e coletivos demandam a reforma do prédio para utilização por parte da Vila das Artes. Ao menos duas ocupações já foram realizadas no local nos últimos oito anos.

[ 12 ] O convite para o ConversAções realizado no Titanzinho pode ser visualizado por este link [<http://bit.ly/2gBJWW1>] e apresenta resumos das apresentações e informações sobre os convidados. Fotos do encontro podem ser vistas na página do Cineclub Ser Ver Luz [<http://bit.ly/2gjr3GJ>].

[ 13 ] Esse encontro foi realizado pelo LAMUR em aliança com o Jornadas Urbanas e Comunicacionais (JUCOM), grupo de pesquisa da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), e o apoio do Porto Iracema das Artes. Mais informações: <http://goo.gl/7LDVtD>

[ 14 ] Psicóloga, doutora em Psicologia Clínica e atuou como professora da Unisinos (RS).

[ 15 ] O Encontro aconteceu no Predinho, no bairro Vicente Pinzón e, desta vez, a aliança na realização foi com o Laboratório de Arte Contemporânea (LAC), também vinculado ao PPGArtes ICAIUFCA Mais detalhes no link: [http://m.facebook.com/lamurufc/about/?ref=page\\_internal&\\_rdr](http://m.facebook.com/lamurufc/about/?ref=page_internal&_rdr)

[ 16 ] Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes e do LabInter, na UFSM (RS).

[ 17 ] Realizado no Museu de Arte da UFC (MAUC).

[ 18 ] Para mais detalhes desse processo, conferir o artigo “Conviver com as cidades, tornar-se com as plantas” neste dossiê, ou a página <https://www.lamur-ufc.com/conversacoes-9-plantar-artes>

[ 19 ] Pesquisas: In(ter)venções AudioVisuais com Jovens em Fortaleza e Porto Alegre (2011-2013) e Coletivo AudioVisual do Titanzinho – Cine Ser Ver Luz (2014-2017) realizadas no Instituto de Cultura e Arte, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Mais detalhes em: <<http://pesquisaintervencoes.blogspot.com/>> e <<https://titanzinhodasinvencoes.tumblr.com/>>.

[ 20 ] “Em 2009, foi aprovado o Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFor), e neste Plano temos as Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS, consideradas como porções do território destinadas, prioritariamente, à recuperação urbanística, à regularização fundiária e à produção de Habitações de Interesse Social – HIS ou do Mercado Popular – HMP, incluindo a recuperação de imóveis degradados, a provisão de equipamentos sociais e culturais, espaços públicos, serviço e comércio de caráter local”. (ASSOCIAÇÃO É DAS LUTAS, E O SERVILUZ É ZEIS!, 2019, p. 27). Texto publicado no Livro\_Catálogo Cine Ser Ver Luz: Cinema que inventa o bairro, escrito por participantes da Associação de Moradores do Titanzinho.

[ 21 ] As mostras realizadas anualmente, desde 2011, no bairro Serviluz e de modo itinerante desde 2013, foram suspensas nos anos de 2021 e 2022 em função da pandemia. Entre março e abril de 2022, o Coletivo AudioVisual do Titanzinho, em aliança com o LAMUR, preparou e realizou uma Mostra com a temática “Farol do Mucuripe pelo direito à moradia digna”, retomando as ações com o bairro.

[ 22 ] As oficinas, realizadas desde 2011 em diferentes temas (entre eles: fotografia, edição audiovisual, cineclube, graffiti, stêncil, lambe e fanzine), foram suspensas nos anos de 2020 e 2021 em função da pandemia. Em abril de 2022 foram retomadas algumas oficinas envolvendo o Coletivo AudioVisual do Titanzinho, o Coletivo Servilost, o LAMUR, entre outros, integrando o II Fórum de assessoria técnica do Nordeste, realizado em Fortaleza.

[ 23 ] Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fortaleza teria uma população de 2.643.247 de habitantes em 2018.

[ 24 ] Mais detalhes podem ser encontrados no relatório Plano Integrado de Regularização Fundiária (PIRF) para a Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) Serviluz.

[ 25 ] No processo de realização das sessões, o Coletivo aprovou dois projetos para o fortalecimento do cineclube no Edital de Cinema e Vídeo da Secretaria de Cultura do Ceará-Secult, em 2014 e 2015.

[ 26 ] Um carrinho que circula nas ruas e praças do bairro com tecnologias/equipamentos que viabilizam a projeção de audiovisuais do Cine Ser Ver Luz. O projeto do carrinho, integrado à pesquisa Artes | Espaço Comum | IntenCidades (2014-2016), coordenada pelo LAMUR | PPGArtes | UFC, foi elaborado em aliança com o projeto de extensão Varal – Laboratório de Iniciativas em Design Social, vinculado ao Canto – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC, na 1ª fase de encontro entre pesquisas e comunidades, com oficinas de prototipagem junto aos cursos de Arquitetura e Design da UFC e a Associação de Moradores do Titanzinho.

[ 27 ] Em um breve levantamento, com estudantes que se candidataram à Bolsa PIBIC, desde 2013, vimos que a grande maioria não conhecia o bairro Serviluz, ou melhor, nunca tinha ido até o bairro.

[ 28 ] O Coletivo está presente na Internet, no blog <https://cineclubeserverluz.wordpress.com/>; no Facebook: <https://pt-br.facebook.com/cineclubeserverluz/>; e no Instagram: @mostratitanzinho e ainda no canal de vídeos [https://www.youtube.com/channel/UCA\\_LiAIH6AxDTGqAqKrdSg/videos](https://www.youtube.com/channel/UCA_LiAIH6AxDTGqAqKrdSg/videos)

[ 29 ] A intervenção contou com a colaboração de Pedro Fernandes, Priscilla Sousa, Sabrina Araújo, Bruno Ribeiro, Nataska Conrado, Aline Albuquerque, Emilia Schamm e Yuri Peixoto, e pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=fkvbQIWkbPQ>

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. A. B.; SILVA, E. P.; LONGO, W. P. E.; PASSOS, E. A utopia da poiesis universitária. **Revista Educação Brasileira do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB**, v. 24, n. 48 e 49, pp. 61-78, 2002. Disponível em: <<http://www.waldir.longo.nom.br/artigos/106.doc>>.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. São Paulo: Alfagarrá, 2016.

BASBAUM, Ricardo. O artista como pesquisador. **Concinnitas**, v. 1, UERJ, 2006, pp. 70-76.

\_\_\_\_\_. **Manual do Artista-etc**. 1 ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**, v. II. Rua de mão única. Tradução: R. R. Torres F. e J. C. M. Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 337-350, maio/ago. 2009.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

\_\_\_\_\_. **Caminhar e parar**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: G. Gili, 2017.

COSTA, Luciano Bedin. **Ainda escrever: 58 combates para uma política do Texto**. São Paulo: Lumme Editor, 2017.



COUTO, Mia. Incendiador de Caminhos. In: \_\_\_\_\_. **E se Obama fosse africano?** E outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 69-76.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pal Perbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **O ato de criação**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia** Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 5. São Paulo: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FONSECA, Tania M. G.; NASCIMENTO, Maria L.; MARASCHIN, Cleci (Orgs). **Pesquisar na diferença**. Um abecedário. Porto Alegre, Editora Sulina, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edicoes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989.

GOMES, Maria Fabiola. **Audiovisuais que inventam o bairro: o Serviluz que insiste em fazer a sua história**. 2017. 92 f. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Cultura e Arte. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

GORCZEWSKI, Deisimer (Org.). **Arte que inventa afetos**. 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária - UFC, 2015.

GORCZEWSKI, D.; ALBUQUERQUE, A.; ARAÚJO, S.; SHIKI, C. Sobre poéticas e políticas: micro intervenções na cidade de Fortaleza. In. **Arte e Política: IV Diálogos Internacionais em Artes Visuais e I Encontro Regional da ANPAP/NE** [organizadores]: COSTA, R. X.; CARVALHO, L. M.; ZACCARA, M.; SILVA, M. B. E. (Orgs.); Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. – Recife: Editora UFPE, 2015.

GORCZEWSKI, D.; ALBUQUERQUE, A. M.; LIMA, J. M. D. de A., Artes de Intervenção, Inventar Cidades. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 22, n. 56, p. 23-53, junho, 2021. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/112374/pdf>>.

GORCZEWSKI, D.; LIMA, J. M. D. de A. Conversações: encontros entre as artes, a cidade e a universidade. **Revista Vazantes**. v.1 n. 2. p. 96-113. 2017.

GORCZEWSKI, Deisimer; RABELO, Gerardo; GOMES, Maria Fabíola; FERNANDES, Pedro; SOUSA, Priscilla; ARAÚJO, Sabrina. (Org.). **Nossas ruas com cinema**: Cine Ser Ver Luz. 1 ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019.

GORCZEWSKI, Deisimer; GOMES, Maria Fabíola; FERNANDES, Pedro; ARAÚJO, Sabrina. (Org.). **Cinema que inventa o Bairro**: Cine Ser Ver Luz. 1 ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019.

GORCZEWSKI, D.; GOIS, W. F. . Pesquisar e inventar: experiências com a observação e a cartografia. In: FRANCISCO, D. J.; GORCZEWSKI, D.; DEMOLY, K. R. A. (Org.). **Pesquisa em perspectiva**: percursos metodológicos na invenção da vida e do conhecimento. 1ed.Mossoró: Editora UFERSA, 2014, p. 121-156.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nau, 2008, v. 1, p. 465-489.

\_\_\_\_\_. A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade. **Revista TRAMA Interdisciplinar**, v. 3, p. 23-33, 2012.

\_\_\_\_\_. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, da Lílina (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa - intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulinas, 2010. p. 32 – 51.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAZZAROTTO, G. D. R.; CARVALHO, J. D. Afetar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012, pp. 25-27.

LEMINSKI, Paulo. **Distraídos Venceremos**. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **El árbol del conocimiento**: Las bases biológicas del entendimiento humano. Santiago de Chile: Editora Universitaria, 1990.

\_\_\_\_\_. **De Máquinas e Seres Vivos**: Autopoiese – A Organização do Vivo. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MATURANA, Humberto. **Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. n. 32, p.122-151, dez.2016.

OITICICA, Hélio. Experimentar o experimental (1972). **Arte em Revista**, n. 5, 1981, p. 50-52.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virginia. ESCÓSSIA, Lilianna da. (Orgs) **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. V. 1. Porto Alegre: Ed, Sulina. 2010.

PELLANDA, Nize Maria Campos. Sofrimento escolar como impedimento da construção de conhecimento/subjetividade. **Educação e Sociedade**, v. 29, n.105, p. 1069-1088, dez 2008.

\_\_\_\_\_; GUSTSACK, Felipe. Autonarrativas e invenção de si. In: GORCZEVSKI, Deisimer (org.). **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015, p. 39-54.

ROCHA, Enrico. Vizinhança. In: RIBAS, Cristina (Ed.). **Vocabulário político para processos estéticos**. Rio de Janeiro, 2014.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

\_\_\_\_\_. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas** - Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Milton. Por uma epistemologia existencial. In: LEMOS, Amália Inés Geraiges de; SILVEIRA, María Laura; ARROYO, Mónica. (Orgs.) **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, p. 19-26.

VARELA, Francisco. Entrevista concedida a Rogério da Costa. In: COSTA, Rogério da (Org.) **Limiares do Contemporâneo**. São Paulo, Escuta, 1993.

\_\_\_\_\_. **Conhecer**: as ciências cognitivas: tendências e perspectivas. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

\_\_\_\_\_. THOMPSON, E.; ROSCH, E. **De Cuerpo presente**: las ciencias cognitivas y la experiencia humana. Barcelona: Gedisa, 1992.

WISNIK, José Miguel. CD Indizível. (2011).